

A construção *diz que... mas*: uma abordagem sistêmico-funcional e cognitivista

(The *diz que... mas* construction: a systemic-functional and cognitive approach)

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo¹

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

paulosegundo@usp.br

Abstract: The aim of this paper is to analyze the lexicogrammatical, the discursive-semantic, the argumentative and the conceptual configuration of the *diz que... mas* construction, based upon the theoretical convergence of Systemic Functional and Cognitive Linguistics, with special regard to the assumptions of Appraisal Theory and Mental Space and Conceptual Integration framework. It is argued that the construction activates, in the primary clause, a resource of dialogic expansion: distancing, responsible for the emergence of a SPEECH space, in which a generic Sayer practices an activity of self-attribution of a property, whereas, in the secondary one, the construction draws upon a resource of dialogic contraction: counter, signaling the incompatibility, based upon an authorial *frame* developed in the BASE, between the behavior of a social actor and his/her belonging to the group linked to the established property.

Keywords: Appraisal; Mental Spaces; Systemic Functional Linguistics; Cognitive Linguistics; construction.

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a configuração léxico-gramatical, semântico-discursiva, argumentativa e conceptual da construção *diz que... mas*, a partir da convergência teórica entre a Linguística Sistêmico-Funcional e a Linguística Cognitiva, com ênfase na Teoria da Avaliatividade e na Teoria dos Espaços Mentais. Conclui-se que a construção ativa, na oração primária, um recurso de expansão dialógica: distanciamento, responsável pela emergência de um espaço mental de FALA, no qual um Dizente genérico realiza uma atividade de autoatribuição de propriedade, ao passo que, na secundária, aciona-se um recurso de contração dialógica: contra-expectativa, que sinaliza a incompatibilidade entre o comportamento de um ator social e sua vinculação ao grupo identitário ligado à propriedade construída na primária, a partir de um *frame* de caracteres hegemônicos instalado na BASE.

Palavras-chave: Avaliatividade; Espaços Mentais; Linguística Sistêmico-Funcional; Linguística Cognitiva; construção.

Introdução

A construção *diz que... mas* tem alcançado uma projeção relevante nas redes sociais, servindo de mote para a criação de diversos grupos, especialmente no *Facebook*, que versam sobre os mais distintos tópicos, como *ser crente*, *ser hétero*, *ser believer*¹, dentre outros. Subjacente ao estabelecimento de humor, tem-se, entretanto, um recurso linguístico de parametrização de um protótipo identitário que revela a visão de um subgrupo hegemônico sobre o comportamento ideal dos (potenciais ou reais) membros de tal comunidade discursiva.

O objetivo deste artigo consiste, portanto, em descrever e analisar a construção como um pareamento entre forma e significado (GOLDBERG, 2009; EVANS; GREEN, 2006), atentando para os aspectos sintáticos, semânticos, pragmáticos e retórico-dis-

¹ Denominação dada a fãs do cantor Justin Bieber.

cursivos que embasam sua configuração, a partir de uma abordagem complementar de cunho cognitivista, com especial atenção à Teoria dos Espaços Mentais e da Integração Conceptual (FAUCONNIER, 1994 [1985]; 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002), e sistêmico-funcional, com destaque ao domínio da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005).

Para tal, tomam-se como *corpus* complexos oracionais extraídos de diversos grupos do *Facebook*, explicitados posteriormente. A análise será qualitativa, uma vez que se visa a um exame detalhado dos efeitos de sentido e do funcionamento da construção, em detrimento dos aspectos variacionais envolvidos.

O artigo encontra-se dividido em quatro seções, além da introdução, das considerações finais e das referências bibliográficas. Na primeira, expõem-se aspectos de convergência e divergência entre a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e a Linguística Cognitiva (LC) e justifica-se a abordagem complementar para a descrição do fenômeno selecionado; na segunda, explora-se a categoria do Engajamento (NININ; BARBARA, 2013; GONÇALVES SEGUNDO, 2014a; 2014b), ligada à Teoria da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005); na terceira, realiza-se uma síntese dos aspectos fundamentais que caracterizam a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER; TURNER, 2002; GRADY, 2007; OAKLEY; HOUGAARD, 2008); na quarta, analisa-se a construção *diz que... mas* em seus aspectos relevantes em termos sintáticos, semântico-discursivos e retórico-argumentativos, além de sua projeção em termos de espaços mentais e de seu papel em termos de vigilância e confiança epistêmica (SPERBER et al., 2010; MAZZARELLA, 2013).

Aproximações e distanciamentos entre a LSF e a LC

Muitos autores, como Lemmens (1998) e Davidse (2000), têm se valido de um diálogo entre a LSF (HALLIDAY, 2004) e a LC, especialmente em termos da Semântica Cognitiva (TALMY, 2000) e da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2008), para a descrição de fenômenos linguísticos caros ao Funcionalismo, como a transitividade, a ergatividade e a ancoragem (*grounding*). Trata-se de uma convergência possível, na medida em que tanto cognitivistas quanto systemicistas assumem o significado como aspecto central da linguagem e o tomam como elemento-chave para a descrição do sistema — visto como uma rede — e do uso — concebido como contextualizado em termos ecossociais.

Além disso, ambas as propostas concebem um *continuum* entre léxico e gramática (fluidez categorial), destacam o papel das construções e das alternativas construcionais como aspectos fundamentais da linguagem (perspectiva) e assumem a dimensão interacional (interpessoal) e simbólica (ideacional) como constitutivas da língua².

O enfoque da LSF, entretanto, não é orientado para o cognitivo (HALLIDAY, 1978; BUTLER, 2008), mas para o refinamento da análise da língua em sua instanciação em textos, concebidos como eventos sociosemióticos contextualizados cultural e situacionalmente. A língua é vista como um potencial de significado, organizada em uma rede de opções paradigmáticas de caráter majoritariamente discreto que viabiliza recursos para a construção de textos. Estes, por sua vez, atualizam padrões probabilísticos aprendidos

² Para maiores detalhes, é interessante contrastar Halliday (2009), Matthiessen (2012) e o capítulo inicial de Langacker (2008).

durante a integração social dos indivíduos em variadas práticas, o que inclui a ratificação e a contestação de distintas representações sociais, a inculcação de estilos e o domínio de gêneros discursivos.

Já a LC (GEERAERTS, 2010) concebe a linguagem de modo não modular, propondo que ela esteja integrada às capacidades pré-conceptuais e conceituais humanas, tais como atenção, memória, percepção, perspectivação, categorização, dentre outras. Nesse sentido, a configuração da linguagem e seu uso emergem da experiência corpórea humana em relação ao ambiente ecossocial que envolve os indivíduos. Além disso, pelo imperativo de estar integrada a modelos psicológicos plausíveis de explicação para o fenômeno semiótico, a língua é vista como uma rede não discreta de construções – que abarca tanto instâncias quanto esquemas – em interface contínua e constitutiva com o conhecimento enciclopédico, de teor multimodal (EVANS; GREEN, 2006).

Assim, o que justifica o olhar complementar – a despeito de algumas divergências, ligadas, por exemplo, à configuração das *redes* em cada um dos modelos – é o fato de a LSF disponibilizar ferramentas úteis para a análise da linguagem orientada textual e socialmente, ao passo que a LC permite explicar a emergência de dadas construções a partir da experiência e das capacidades mentais humanas, além dos distintos modos de processamento e de conceptualização que possibilitam examinar as razões pelas quais os recursos linguísticos podem receber interpretações similares ou diferenciadas.

Isso posto, passa-se a tratar do sistema de Engajamento, ligada à Avaliatividade.

A noção de Engajamento na Teoria da Avaliatividade

A AVALIATIVIDADE³ (MARTIN; WHITE, 2005) consiste em um sistema semântico-discursivo ligado à metafunção interpessoal⁴ que diz respeito às opções paradigmáticas e às estruturas sintagmáticas que organizam a construção da perspectiva nos textos. Segundo seus proponentes, a abordagem busca examinar

[...] the subjective presence of writers/speakers in texts as they adopt stances towards both the material they present and those with whom they communicate. [...] It is concerned with the construction by texts of communities of shared feelings and values, and with the linguistic mechanisms for the sharing of emotions, tastes and normative assessments. It is concerned with how writers/speakers construe for themselves particular authorial identities or personae, with how they align or desalign themselves with actual or potential respondents, and with how they construct for their texts an intended or ideal audience.

³ Convenciona-se grafar nomes de sistemas, em LSF, em versalete (*small caps*).

⁴ Halliday (2004) propõe que a linguagem se organiza a partir de três grandes funções que orientam a configuração do sistema, em decorrência das necessidades humanas de 1. categorizar a realidade que lhes é externa e interna (*função ideacional*), 2. estabelecer relações sociais e papéis discursivos (*função interpessoal*) e 3. criar tessitura (*função textual*). Essa proposta ficou conhecida como hipótese metafuncional. Cada função atravessa os distintos níveis linguísticos e contextuais – contexto cultural, situacional, semântica-discursiva, léxico-gramática, fonologia e fonética/grafologia –, e cabe ao linguista descrever os sistemas e os subsistemas ligados a elas em todos os níveis, buscando, inclusive, determinar suas correlações e as possibilidades de padronização. Para maiores detalhes, ver Halliday (2009), Lemke (2005), Thibault (2004) e Silva e Espindola (2013).

O sistema é subdividido em três grandes domínios: a ATITUDE, o ENGAJAMENTO e a GRADAÇÃO. Para este trabalho, explorar-se-á o domínio do ENGAJAMENTO, relevante para a análise da construção em foco.

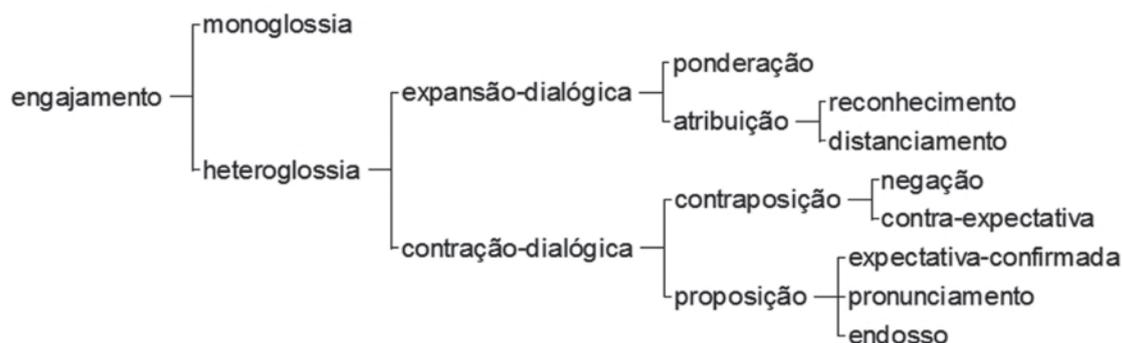
De acordo com Ninin e Barbara (2013, p. 129), o estudo desse subsistema

[...] se ocupa dos modos como a voz autoral posiciona-se em relação a outras vozes presentes no texto, procurando caracterizar diferentes perspectivas intersubjetivas disponíveis, ou seja, permitindo caracterizar o modo de adesão ou não do falante/escritor em relação às proposições no texto.

As duas opções iniciais consistem na *monoglossia* e na *heteroglossia*. Construções *monoglóssicas* simulam a anulação do dialogismo constitutivo da linguagem (VOLÓCHINOV, 2004 [1929]), visando ao bloqueio das condições de emergência de concepções alternativas de realidade. Segundo Ninin e Barbara (2013, p. 132), trata-se de “proposições, declaradas de modo absoluto, [que] são tratadas como certas, indiscutíveis, ou como não-problemáticas, baseadas em conhecimento consensual, em fatos, eventos conhecidos e aceitos pela comunidade discursiva”. Já a *heteroglossia* ocorre quando a voz autoral abre espaço para alternativas dialógicas, tanto no que se refere à incorporação explícita de vozes externas, por discurso relatado, quanto no que concerne à relação entre o já dito e as concepções subjacentes discordantes e concordantes, ativadas por marcas linguísticas.

Nas construções em que as alternativas dialógicas são respeitadas, aceitas, ponderadas e, portanto, não invalidadas ou invalidadas maximamente, tem-se *expansão dialógica*. Nas instâncias em que há anulação total ou parcial de outras vozes, ocorre *contração dialógica*. O esquema abaixo mostra o sistema de engajamento, com suas principais opções:

Esquema 1. Opções paradigmáticas do subsistema de ENGAJAMENTO⁵



Para este trabalho, serão destacadas as opções de *heteroglossia: expansão dialógica: atribuição* e *heteroglossia: contração dialógica: contra-expectativa*⁶.

⁵ O subsistema de engajamento exposto baseia-se em Martin e White (2005) e segue a tradução sugerida por Ninin e Barbara (2013). Os hifens inseridos entre os termos do sistema são resultantes da arquitetura do *software* UAM Corpus Tool, por meio do qual se desenhou o sistema (O'DONNELL, 2008).

⁶ Para informações mais detalhadas sobre o subsistema de Engajamento, consultar Ninin e Barbara (2013) e Gonçalves Segundo (2014a, 2014b).

A *atribuição* diz respeito à inserção autoral – não maximamente assumida – de outras vozes no texto. As opções de *reconhecimento* marcam um posicionamento neutro do produtor em relação ao conteúdo proposicional do evento de fala, conforme se nota em (1), ao passo que os recursos de *distanciamento* sinalizam que a voz autoral não compartilha da mesma concepção de realidade, como se observa em (2)⁷:

(1) Ele disse que é popular

(2) Ele alega que é popular.

A *contra-expectativa*, por sua vez, abrange as construções que fazem emergir uma alternativa dialógica – correspondente a uma expectativa de um dado grupo social –, não aplicável ao evento instanciado, conforme se depreende em (3):

(3) Ele é popular, mas curte o próprio status.

É possível inferir que o operador argumentativo (KOCH, 2002) ou conjunção concessiva paratática (HALLIDAY, 2004) *mas* ativa a alternativa dialógica de que *quem é popular não deveria curtir o próprio status*, concepção esta que se configura naquilo que é esperado do comportamento de um indivíduo popular em uma certa comunidade discursiva. Na *contra-expectativa*, o que se rejeita não é a expectativa em si, mas sua aplicação à instância textualizada, ou seja, ao Portador *Ele*.

Na construção *diz que... mas*, tem-se justamente essas duas relações: uma *atribuição*, seguida de uma *contraposição* por *contra-expectativa*. Curiosamente, o verbo *dizer*, que atua, prototipicamente, como recurso de *reconhecimento*, parece atualizar, nesse par, um valor de *distanciamento*. Mais adiante, na seção “A construção *diz que p, mas q*: da léxico-gramática ao discurso”, tratar-se-á dessa questão pormenorizadamente.

A Teoria dos Espaços Mentais: um breve percurso

A Teoria dos Espaços Mentais e da Integração Conceptual (MSCI) – mais conhecida como Teoria da Mesclagem Conceptual – passou por uma série de desenvolvimentos desde suas formulações iniciais (FAUCONNIER, 1994 [1985]) que a elevou de um patamar de teoria semântica do processamento discursivo-textual (FAUCONNIER, 1997) a uma proposta teórica cognitivista relacionada à (re)construção dinâmica de significado nos diversos domínios de práticas sociodiscursivas (FAUCONNIER; TURNER, 2002; OAKLEY; HOUGAARD, 2008).

Devido a sua integração ao cognitivismo – que concebe os recursos linguísticos como instruções parciais que orientam a reconstrução do significado⁸ pelo leitor/ouvinte,

⁷ Os exemplos propostos nesta seção consistem em manipulações com fins expositivos do post *Diz que é popular, mas curte o próprio status*, extraído de <https://www.facebook.com/dizporquediz>, consultado em 06 mar. 2014. A página não se encontra mais disponível, segundo consulta realizada em 08 set. 2014.

⁸ Deve-se destacar que, na Semântica Cognitiva (TALMY, 2000; LANGACKER, 2008; EVANS; GREEN, 2006), não há linha rígida de separação entre Semântica e Pragmática. Em outros termos, a noção de *significado*, visto como inerentemente perspectivado, enciclopédico, flexível, dinâmico e aberto, necessariamente envolve o linguístico, o conceptual e o contextual, visão que demove a ideia de separação entre os níveis linguísticos supramencionados.

ativando simulações mentais multimodais que envolvem o conhecimento enciclopédico dos falantes –, a MSCi busca explicar os processos de conceptualização envolvidos na criação de significado, mas especialmente na compreensão e na interpretação *online* do sentido.

Assim, espaços mentais (EM) são concebidos como conjuntos coerentes de informação ativados localmente (GRADY, 2007). Em outros termos, consistem em “pacotes” conceptuais gerados de forma dinâmica na interação ou no pensamento introspectivo, possibilitando a produção e a compreensão discursiva por meio de interconexões emergentes de sua contínua (re)estruturação. Neurologicamente, eles podem estar associados a conjuntos de agrupamentos neuronais acionados para o uso linguístico situado, ao passo que suas interconexões podem estar ligadas a padrões de coativação entre esses mesmos agrupamentos (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Oakley e Coulson (2008) argumentam que os espaços mentais não são propriamente linguísticos e que são produtos da atividade discursiva emergente da interação em desenvolvimento. Nessa perspectiva, os autores defendem que

[...] mental spaces [are] representations of scenes and situations in a given discourse scenario as perceived, imagined, remembered or otherwise understood by the speaker [...] [they] represent distinct physical, social, and/or introspective scenes and situations where attention is focused on a few salient elements therein. Along these lines, we assume that a mental space is governed by a semantic domain or domain matrices and that the particular characteristics of a mental space are determined by semantic frames for structuring the micro-features of a scene, such as role assignment, action and event sequence. [...] A final assumption is that all mental spaces in a network are accessible to consciousness [and] [...] comprise implicit and explicit declarative knowledge, with different facets of declarative knowledge made explicit and left implicit as discourse proceeds. (OAKLEY; COULSON, 2008, p. 29-30, colchetes meus)

Assim, o conceito permite explicar o encadeamento discursivo, a emergência de implícitos, as mudanças de foco de atenção no desenvolvimento textual e as relações entre a instanciação de recursos linguísticos e a ativação de conhecimento enciclopédico.

Para Fauconnier (1997), toda a rede de espaços mentais inicia-se do espaço *BASE*.⁹ Tal espaço representa o aqui-agora em relação ao desenvolvimento discursivo. Não se trata de um espaço em que eventos, participantes, propriedades sejam verdadeiros ou falsos em relação a um mundo real ou imaginário, mas sim da realidade concebida como vigente a partir da perspectiva de um falante, tendo em vista a construção discursiva dinamicamente emergente.

Novos espaços mentais são abertos por recursos linguísticos denominados *construtores de espaço* (*space-builders*). Segundo Ferrari (2009, p. 22), trata-se de “expressões linguísticas encarregadas exatamente de sinalizarem domínios cognitivos criados localmente, que operam sobre o discurso subsequente e estabelecem suas condições de validação”. Assim, expressões adverbiais ou oracionais de *tempo*, *espaço*, *condição*, assim como verbos *dicendi*, operadores modais *epistêmicos*, *volitivos* e mesmo *anguladores*,¹⁰

⁹ Espaços mentais também são representados em versalete.

¹⁰ Almeida (2009) ressalva que *anguladores* (*hedges*) não apenas atuam como construtores de espaço, mas também enquadraram referentes, provocando reconceptualização. Nesse sentido, esses recursos também

dentre outros, consistem em recursos que interconectam espaços mentais, permitindo aos conceptualizadores guiar a interpretação local e ativar representações multimodais e enciclopédicas das cenas e das situações criadas semioticamente.

Isso posto, passa-se à análise do *corpus*.

A construção *diz que p, mas q*: da léxico-gramática ao discurso

Conforme se mencionou na introdução deste artigo, o *corpus* selecionado para esta pesquisa foi coletado, basicamente, de posts realizados em grupos da rede social *Facebook*, consultados em 06 de março de 2014. Tais enunciados são extremamente produtivos na internet e, em geral, consistem em um modo bem-humorado — embora não menos autoritário por isso — de parametrizar aquilo que um subgrupo teoricamente hegemônico considera prototípico e esperado do comportamento dos atores sociais que se identificam com a comunidade discursiva e que se declaram membros dela.

Para esta análise, apresentar-se-ão cinco ocorrências dessa construção, que serão examinadas, especialmente, em termos semântico-discursivos, retórico-argumentativos e conceptuais, embora também se teçam comentários acerca da configuração léxico-gramatical. Expõem-se, na sequência, as ocorrências e um quadro que apresenta a estrutura comum que lhes é subjacente:

- (1) Diz que é crente mas... não escolheu esperar. (<https://www.facebook.com/dizqehcrente>)¹¹
- (2) Diz que é crente mas... não perde uma novelinha. (<https://www.facebook.com/dizqehcrente>)
- (3) Diz que é pegador, mas... nunca beijou. (<https://www.facebook.com/DiizQuee>)
- (4) Diz que é popular, mas curte o próprio status. (<https://www.facebook.com/dizporquediz>)
- (5) Diz que é hétero, mas... dança o Show das Poderosas. (<https://www.facebook.com/DizQueEHeteroMas>)

Quadro 1. Organização estrutural e avaliativa da construção *diz que p, mas q*

Oração primária ¹²	Oração secundária
<i>Diz que é crente</i>	<i>mas... não escolheu esperar</i>
<i>Diz que é crente</i>	<i>mas... não perde uma novelinha</i>
<i>Diz que é pegador</i>	<i>mas... nunca beijou</i>
<i>Diz que é popular</i>	<i>mas curte o próprio status</i>
<i>Diz que é hétero</i>	<i>mas... dança o Show das Poderosas</i>
Expansão Dialógica: Atribuição: Distanciamento	Contração Dialógica: Contraposição: Contra-expectativa

exerceriam função pragmática.

¹¹ É relevante destacar que esse post apresentava uma imagem em que se mostrava uma mão com um anel no quarto dedo, o que ativa o *frame* de relação conjugal, em cujo domínio se encontra o elemento *relação sexual*. É a esse aspecto que a espera se refere.

¹² Os termos *oração primária* e *oração secundária* derivam da terminologia sistêmico-funcional (HALLIDAY, 2004) e são aplicados, genericamente, a complexos oracionais com base em sua ordenação.

Na oração primária, instancia-se um recurso de *expansão dialógica: atribuição*, que traz para o discurso autoral uma voz externa que se atribui uma dada propriedade. Em termos de transitividade, em perspectiva sistêmico-funcional, tem-se um *processo verbal (dizer)* que *projeta* uma oração na qual se instancia um *processo relacional intensivo atributivo*, em que o *Portador* é o Sujeito não explícito, que coincide com o *Dizente* do *processo verbal*, e o *Atributo* é a característica que vincula o Sujeito a um dado grupo identitário.¹³

Prototipicamente, a forma verbal *dizer* ativa a opção paradigmática de *reconhecimento*, na qual a voz autoral assume uma relação neutra com o conteúdo proposicional — nem *realis* nem *irrealis* em relação ao espaço BASE. Entretanto, a construção em análise parece ter se especializado no sentido de proporcionar uma leitura de *distanciamento*, uma vez que se torna possível antecipar que a voz autoral construirá uma representação da realidade que se chocará com o que se espera da atribuição construída inicialmente. Em outros termos, o produtor sinaliza que é questionável a rotulação construída pela voz externa, não a assumindo como válida.

É importante destacar que a ausência de um sujeito explícito poderia apontar para uma leitura de Sujeito elíptico, entretanto não há cotexto que permita inferir uma relação anafórica nem um interlocutor explícito que poderia ser depreendido deiticamente da situação enunciativa¹⁴. Assim, a construção dessubjetificada do verbo *dicendi* parece favorecer uma interpretação de que a atribuição não se associa a um referente específico — a um Valor, na MSCI —, mas a qualquer indivíduo com o potencial de praticar o *processo verbal* de conteúdo *atributivo*. Nesse sentido, tratar-se-ia de uma construção impessoal que não ativa um Instanciador¹⁵ propriamente dito, mas cria um evento-tipo aplicável a qualquer potencial Sujeito.

Tal configuração é potencializada pelo fato de que o *processo verbal* é construído em terceira pessoa do singular, no Presente do Indicativo, tempo não prototípico para a construção de discurso relatado. Segundo Cutrer (1994), que analisa os tempos verbais a partir da MSCI,¹⁶ o Presente abrange distintos valores, como *habitualidade* e *generidade*. Além disso, constrói aquilo que é enunciado como relevante para a BASE. Na

¹³ É possível conceber que, pelo fato de o Dizente coincidir com o Portador, sendo, assim, o responsável pela relação de atribuição, o Sujeito não explícito seja também Atribuidor. Para detalhes acerca da transitividade, ver Lima-Lopes e Ventura (2008); Gonzaga (2011); Gonçalves Segundo (2014b); Halliday (2004).

¹⁴ Ressalva-se que é possível conceber um contexto em que tal construção seja enunciada como forma de criticar o comportamento de um indivíduo específico, presente ou ausente da situação enunciativa. Não obstante, a opção pela forma em análise revela-se estratégica, por mitigar a referência explícita e gerar o efeito de uma censura a um tipo de conceptualizador, e não a uma instância, em termos langackerianos.

¹⁵ Taverniers (2005), em consonância com Davidse (1997), a partir de uma abordagem complementar análoga à realizada aqui, que une a LSF à LC, especialmente no que diz respeito à noção de ancoragem (*grounding*), proposta por Langacker (2008), entende o Sujeito como Instanciador do evento enunciado, responsável pela ativação de uma coordenada da Dêixis Pessoal, que está, por sua vez, associada à conversão de um tipo em uma instância. Tal conversão está ligada à noção de finitude, que situa a oração no contexto enunciativo e revela a orientação pessoal-temporal-modal e polar da construção.

¹⁶ Não se adota aqui o modelo de Cutrer que associa os tempos verbais à alocação de quatro Espaços Mentais — BASE, FOCO, EVENTO e PONTO DE VISTA —, muito embora se considerem suas conclusões acerca do fenômeno. O objetivo deste artigo é examinar os aspectos conceptuais que envolvem apenas o par *diz que... mas*. Por isso, a projeção de distintos espaços relativos à inscrição de valores temporais no conteúdo proposicional — tanto na oração primária quanto na secundária — não será realizada.

construção em análise, a correlação tempo-pessoa ativa um valor *genérico*, ligado à busca de construir – ou sustentar – os *frames* que embasarão o conhecimento enciclopédico dos conceptualizadores sobre diversos domínios da realidade.¹⁷

A questão da construção do *frame* – ou, mais exatamente, da reafirmação de valores prototípicos de um *frame* – constitui-se, portanto, em aspecto central da estrutura em estudo. Porém, para investigá-lo, é necessário analisar também a oração secundária.

Em primeiro lugar, deve-se observar que há uma oscilação maior em termos de tempos e valores verbais na oração secundária, o que permite inferir duas formas distintas de perspectivação do evento. No caso do Presente, tem-se uma construção que assume que o comportamento descrito na adversativa transcorre no mesmo domínio temporal do *processo verbal* (perspectiva interna), ao passo que, no caso do Pretérito, parte-se de uma perspectiva externa, na qual o(s) evento(s) construído(s) na concessão paratática¹⁸ é(são) anterior(es) à instanciação da autoatribuição. Em ambos os casos, no entanto, o que torna coesa a construção é a incompatibilidade entre o *Atributo* da primária e o comportamento enunciado na secundária.

Essa noção de incompatibilidade é sinalizada pelo conectivo *mas*, responsável por instruir a conceptualização de que a alternativa dialógica (expectativa) implícita não é aplicável ao que é posto. Tome-se (1) como exemplo. Em *Diz que é crente, mas não resolveu esperar*, a instanciação do recurso de *contração dialógica: contraposição*, no âmbito da *contra-expectativa – mas –*, instrui o interpretante a localizar uma incompatibilidade entre a propriedade de *ser crente* e o ato de *não esperar o casamento para a realização de práticas sexuais*; em outros termos, *quem é crente espera o casamento para ter relações sexuais*. Essa alternativa dialógica consiste no discurso hegemônico que é parametrizado na construção, revelando aquilo que deveria ser o comportamento ideal de um membro do grupo.

Cabe assinalar, nesse quesito, que o *frame* que assegura a incompatibilidade é autoral, sendo, portanto, no espaço BASE que se localiza a alternativa dialógica. O fato de o Dizente autoatribuir-se uma dada propriedade, concomitante ao fato de praticar uma dada ação habitual ou pontualmente, já sinaliza que, em sua concepção de realidade, tal incompatibilidade não se verifica, o que aponta para a coexistência potencial de *frames* conflitantes acerca do que é o comportamento ideal de um dado grupo.

Para a explanação da projeção da estrutura em termos de espaços mentais, toma-se o exemplo (2): *Diz que é crente, mas não perde uma novelinha*. A Figura 1 apresenta a configuração inicial dos espaços mentais. O esquema à esquerda apresenta apenas a configuração da oração primária, e o esquema à direita já exhibe a alocação da secundária.

¹⁷ Casseb-Galvão (2011) apresenta um estudo aprofundado sobre a construção [diski] no Português Brasileiro, aliando abordagens sobre gramaticalização à Gramática Discursivo-Funcional. A autora arrola quatro grandes padrões: *token* de narrativa, verdade geral, admirativo e boato. Não obstante, os casos atestados neste artigo ainda parecem estar vinculados ao caráter *citativo/reportativo* do verbo. Há de se ressaltar, contudo, que a construção partilha traços que caracterizam o padrão de *verdade geral*, dado que está ligada à ideia de construção de um *frame* e apresenta-se, constitutivamente, no Presente do Indicativo, com valor atemporal (CASSEB-GALVÃO, 2011, p. 326-327).

¹⁸ O que se denomina concessão paratática em LSF corresponde à coordenação adversativa na Norma Gramatical Brasileira (NGB).

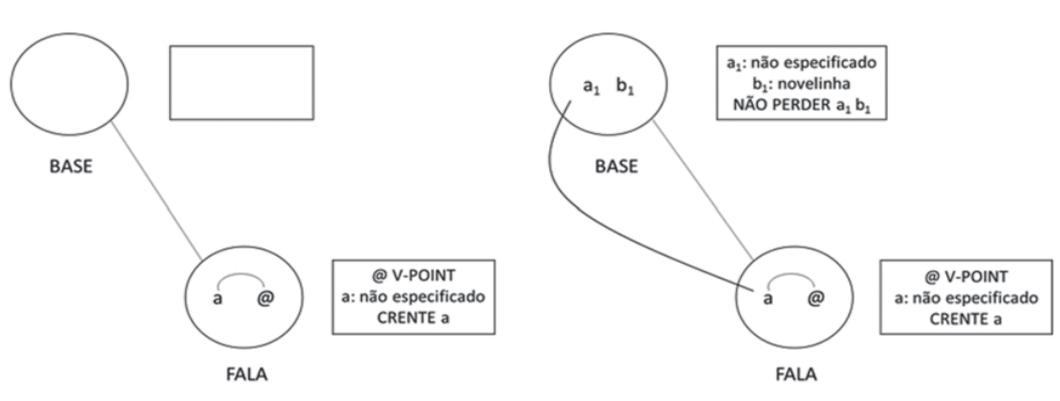


Figura 1. Esquematização inicial da configuração dos espaços mentais da construção *diz que p, mas q*, a partir do exemplo (2)

Note-se que, inicialmente, o espaço BASE, que atua como ponto de referência e como *locus* da concepção de realidade do falante, encontra-se vazio, ou seja, não apresenta papéis, valores, relações ou propriedades que indiquem a concepção autoral sobre a realidade. O que a estrutura da primária faz é abrir um espaço de FALA, ativado pelo construtor *diz*, que sinaliza que se trata do ponto de vista de um falante, o que é indicado, na caixa inferior direita, como @ V-POINT. Como o *Dizente* e o *Portador* consistem no mesmo elemento – muito embora este não seja especificado, conforme já se discutiu anteriormente –, @ e *a* encontram-se ligados por meio de uma linha curva, que sinaliza uma correspondência. Destaca-se também que o box apresenta, em caixa alta, a propriedade CRENTE, que se aplica ao Sujeito não especificado *a*; logo, CRENTE *a*.

Já o esquema à direita, por especificar os dados da secundária, apresenta o espaço BASE preenchido. A relação temporal NÃO PERDER¹⁹ envolve dois elementos: um Ator, não especificado, mas dado, tendo em vista a relação anafórica com o Sujeito *a*, e uma Meta, *uma novelinha*, construída como informacionalmente nova, devido ao indefinido. Na MSCI, denomina-se *otimização* o processo pelo qual um espaço mental herda componentes de outro espaço, o que permite explicar as possibilidades e as restrições de dados fenômenos, como a anáfora²⁰. Deve-se reparar, portanto, que, no espaço BASE, a_1 surge como elemento otimizado de *a*, vigente no espaço de FALA, marcando uma relação anafórica, o que é sinalizado pelo arco que interliga esses elementos em ambos os espaços.

É, entretanto, na Figura 2, exposta abaixo, que se podem compreender os efeitos de sentido derivados da construção. Para isso, acrescentamos dois boxes ligados ao espaço BASE:

¹⁹ A presença de uma negação sentencial pode ativar um segundo espaço mental, contendo a alternativa dialógica ativada pelo adjunto polar de negação. Entretanto, como se trata de uma particularidade externa à construção, optamos por simplificar a projeção dos EM, focando apenas na construção em estudo.

²⁰ Tal aspecto não será aprofundado, uma vez que foge ao escopo deste artigo.

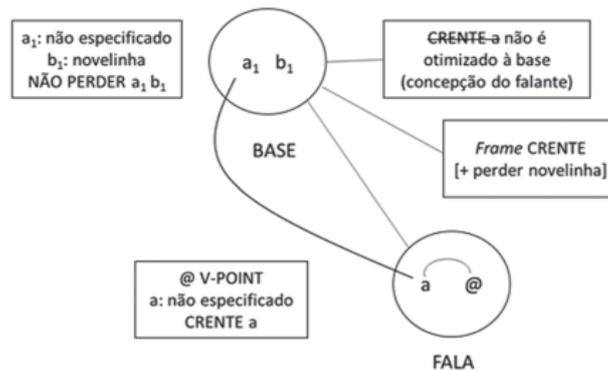


Figura 2. Esquemática final da configuração dos espaços mentais da construção *que p, mas q*, a partir do exemplo (2)

A introdução do conectivo concessivo paratático instrui o conceptualizador ouvinte a compreender uma incompatibilidade entre os espaços, marcando que, na concepção autoral, o ato construído na oração adversativa não consiste em um comportamento previsto pelo *frame* do *Atributo* do espaço de FALA. Segundo Cutrer (1994), a otimização ocorre, desde que não haja informação conflitante entre esses espaços. Trata-se, justamente, do que ocorre aqui. Visto do ponto de vista do ouvinte/leitor, o *mas* autoral sinaliza a incompatibilidade, instruindo o interpretante a bloquear a transferência da propriedade para o espaço BASE, o que induz à conceptualização de que o falante não valida a relação atributiva, rejeitando-a total ou parcialmente. Já do ponto de vista do falante/escritor, o *mas* é instanciado como forma de apontar que, em seu *frame*, o comportamento oposto – no caso, *perder novelinha* – é o aceito e/ou prototípico dentre aqueles que pertencem ao grupo em questão – no caso, *o crente*. Em consequência disso, a autoatribuição da propriedade resulta em uma atitude *hipócrita*, uma disjunção entre ser e parecer, passível de ativar um *juízo negativo* de *sanção social* por *propriedade*²¹ (MARTIN; WHITE, 2005).

Em consequência disso, tem-se a construção de um *Dizente* Sujeito não confiável, uma vez que seu discurso e sua prática não se coadunam com as expectativas autorais. É relevante afirmar, nessa questão, que, por tratar-se de uma construção atualizada em redes sociais, ligada à parametrização do comportamento social e ao humor derivado de potenciais incompatibilidades entre o real e o esperado, essa expectativa autoral consiste, na verdade, naquilo que um determinado subgrupo social concebe como ideal para todos os seus membros, criando, assim, uma cisão entre membros prototípicos, marginais e não membros. Trata-se, por conseguinte, de um forte recurso de normatização do comportamento e de ratificação de um discurso hegemônico sobre um dado domínio da realidade.

Sperber *et al.* (2010, p. 368-369), no âmbito da Teoria da Relevância, afirmam que

²¹ A Teoria da Avaliatividade concebe *juízos* como avaliações comportamentais derivadas da compatibilidade ou da incompatibilidade da ação humana em relação a um conjunto de valores aprendidos durante a integração social mais básica, de cunho oral (*estima social*), ou durante a integração em redes de sistemas institucionais, ligados à escrituralidade (*sanção social*). Os valores de *propriedade*, ligados à *sanção social*, constituem-se em avaliações de caráter ético e atuam como metáforas gramaticais (HALLIDAY, 2004; MARTIN; WHITE, 2005; TAVERNIERS, 2011) da modalidade deontica – o *hipócrita* faz o que não deveria fazer, ou seja, seu discurso não condiz com sua prática.

[...] understanding is not believing, but nor is it adopting a sceptical position. Comprehension involves adopting a tentative and labile stance of trust; this will lead to acceptance only if epistemic vigilance, which is triggered by the same communicative acts that trigger comprehension, does not come up with reasons to doubt.

Os autores entendem *vigilância epistêmica* como uma adaptação evolutiva cognitiva ligada à interação social. Para Mazzarella (2013, p. 31), trata-se de uma habilidade à qual subjaz um conjunto de mecanismos cognitivos orientados para determinar o risco de desinformação na comunicação. Nesse sentido, denomina-se *confiança epistêmica* “the willingness to believe the communicator and accept her claims as true”. Assim, um comunicador competente é concebido como aquele que possui informação genuína, enquanto um comunicador benevolente é visto como aquele que se dispõe a compartilhar essa informação. Para que a comunicação seja vantajosa, é necessário que o ser humano tenha desenvolvido ferramentas para mensurar a confiança epistêmica, checando a credibilidade da fonte da informação e do próprio conteúdo informacional²².

Por conseguinte, o processo de compreensão perpassa também um julgamento acerca da validade do conteúdo comunicado, baseado em aspectos inerentes ao próprio texto, mas também ligados ao falante e aos *Dizentes* elencados durante a fala dos diversos atores sociais.

Na construção em análise, o que se realiza é uma denúncia de um comportamento potencialmente desviante de atores sociais que agem de modo disforme em relação àquilo que professam, o que viabiliza o julgamento de *hipocrisia*, permitindo concebê-los como fontes não confiáveis de informação – ou seja, de que seu discurso não corresponde à realidade observável. Ao mesmo tempo, reforça a visão da voz autoral como uma fonte confiável, benevolente e competente, na medida em que é capaz de enxergar a incompatibilidade e mostrar que nem todos os membros estão agindo conforme o esperado, comportamento que seria, teoricamente, vantajoso ao grupo, criando uma espécie de filtro que detecta o grau de vinculação dos indivíduos à comunidade discursiva.

Em termos retórico-argumentativos, Reboul (2004) destaca que um dos argumentos baseados na estrutura do real consiste no *argumento de pessoa*, que se fundamenta na relação de *coexistência*. Na Pragmadiálética (EEMEREN; GROOTENDORST; HENKEMANS, 2002), trata-se de um argumento *sintomático*, ou seja, aquele que prevê uma estabilidade entre o indivíduo e seus atos, entre uma propriedade e uma prática, entre uma configuração identitária e um comportamento. Em outros termos, são argumentos que visam a comprovar alguma tese destacando a correlação esperada. Assim, a incompatibilidade vai de encontro à concepção de realidade prevista e, portanto, atinge diretamente a imagem pública do conjunto de atores associáveis ao *Dizente*, ativando componentes de vigilância epistêmica que minam sua credibilidade. Em consequência disso, favorece-se a interpretação de que tal indivíduo não pertence, de fato, àquele grupo, ou seja, de que ele não é *crente, pegador, popular* ou *hétero* de verdade.

²² Para maiores detalhes acerca dos aspectos evolutivos, cognitivos e pragmáticos que envolvem a vigilância epistêmica, ver Sperber *et al.* (2010) e Mazzarella (2013).

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar, à luz da LSF e da LC, com especial atenção à Teoria da Avaliatividade e à Teoria dos Espaços Mentais e da Integração Conceptual, a configuração léxico-gramatical, semântico-discursiva, conceptual e retórico-argumentativa da construção complexa *diz que... mas*, relacionando, ainda, seu uso ao fenômeno de vigilância epistêmica, proposto pela Teoria da Relevância.

Primeiramente, realizaram-se breves exposições acerca das teorias envolvidas, enfatizando, na Avaliatividade, o subsistema de ENGAJAMENTO, e na MSCI, a emergência dinâmica de espaços mentais, a partir da BASE, por meio de *construtores de espaço*. Posteriormente, apresentou-se o *corpus* selecionado e procedeu-se à análise dos dados.

Assim, concluiu-se que a construção *diz que... mas* consiste em um complexo oracional que instaura, retórico-discursivamente, uma denúncia de incompatibilidade entre uma configuração identitária e uma prática aplicável a qualquer ator social, baseada na relação de *coexistência* (argumento sintomático), responsável por ativar possíveis julgamentos negativos ligados à *hipocrisia*, minando a *confiança epistêmica* nos alvos da crítica e reforçando, potencialmente, a do falante.

Semântico-discursivamente, o par instaura, em primeiro lugar, *expansão dialógica* por *distanciamento* e, em segundo lugar, *contração dialógica* por *contra-expectativa*. Nesse processo, a voz autoral demarca que assume a alternativa dialógica como válida, concebendo a situação enunciada como um desvio em relação ao que se espera do comportamento de um ator social que se atribui a propriedade em foco.

Em termos léxico-gramaticais, a ausência do *Sujeito/Dizente* favorece a interpretação de que um elemento genérico ocupa a posição de Instanciador do evento de fala, ao passo que a presença do conectivo concessivo paratático sinaliza a incompatibilidade entre os elementos dos espaços mentais. Além disso, o tempo Presente privilegia uma interpretação ligada à manutenção da integridade do *frame*, dado que se trata de um espaço temporal de valor genérico.

Cognitivamente, a compreensão de tal construção envolve dois espaços mentais: um espaço de FALA, no qual se localiza a atribuição da propriedade, e um espaço BASE, onde figura o evento incompatível. Destaca-se que o *frame* que sinaliza a incompatibilidade é autoral e encontra-se na BASE, uma vez que a autoatribuição praticada no espaço de fala, sob o ponto de vista do *Dizente*, inviabiliza depreender que este associe inconsistência à simultaneidade de portar a propriedade e executar o comportamento enunciado. Logo, o que pode estar em pauta é a coexistência de *frames* alternativos acerca de um dado domínio da realidade.

Em termos críticos, por fim, o que se verifica é uma construção ligada à parametrização social, na qual membros de um dado grupo autorizam-se como portadores do ideal de comportamento que deveria caracterizar um determinado traço identitário, criando um discurso hegemônico a esse respeito, responsável por filtrar o grau de pertencimento de dados atores sociais a essa comunidade discursiva, consistindo, assim, em um mecanismo de seleção ligado à velha dicotomia *nós x eles* (VAN DJIK, 2003).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão. Processamento de Mesclagem em Anguladores no Português do Brasil. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 129-142, 2009.
- BUTLER, Christopher S. Cognitive adequacy in structural-functional theories of language. *Language Science*, v. 30, p. 1-30, 2008.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia. Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [diski] no português brasileiro. *Filol. linguíst. port.*, São Paulo, n. 13, v. 2, p. 305-335, 2011.
- CUTRER, Michelle. *Time and Tense in Narrative and in Everyday Life*. Tese (Doutorado em Ciências Cognitivas) – Universidade da Califórnia, San Diego, 1994.
- DAVIDSE, Kristin. Semiotic and Possessive models in relational clauses: thinking with grammar about grammar. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, Santa Cruz de Tenerife, n. 40, p. 13-35, 2000.
- _____. The subject–object versus the agent–patient asymmetry. *Leuven Contributions in Linguistics and Philology*, Leuven, n. 86, p. 413–431, 1997.
- EEMEREN, Frans; GROOTENDORST, Rob; HENKEMANS, A. Francisca. *Argumentation: Analysis, Evaluation, Presentation*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006. 857 p.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994 [1985].
- _____. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, Lilian. Os parâmetros básicos da condicionalidade na visão cognitivista. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 21-30, 2009.
- _____. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011. 171p.
- GEERAERTS, Dirk. Recontextualizing grammar: Underlying trends in thirty years of Cognitive Linguistics. In: TABAKOWSKA, E. et al. *Cognitive Linguistics in action: from theory to application and back*. Berlin: De Gruyter, 2010. p. 71-102.
- GOLDBERG, Adele. Constructions work. *Cognitive Linguistics*, v. 20, n. 1, p. 201-224. 2009. Disponível em: <<http://lingo.stanford.edu/sag/papers/ag09b.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2014.
- GONÇALVES SEGUNDO, Paulo Roberto. O papel da avaliatividade na construção da polêmica: uma abordagem semântico-discursiva das cartas do leitor acerca do falecimento de Hugo Chávez. *Revista Metalinguagens*, n. 1, p. 9-28, 2004a.
- _____. Indignação e culpa em cartas do leitor da *Folha de S. Paulo*: um estudo sobre a construção discursiva da tragédia de Santa Maria. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 16, v. 1, p. 63-93, jan./jun. 2014b.
- GONZAGA, Jair João. *Intricate Cases in Clauses in SFG concerning the Grammar of Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado em Letras/Inglês e Literatura Correspondente) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.
- GRADY, Joseph E. Metaphor. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (Org.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 188-213.

- HALLIDAY, Michael. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1978.
- _____. *Introduction to Functional Grammar*. 3. ed. Revised by Christian Matthiessen. London: Hodder Arnold, 2004. 689 p.
- _____. Methods – techniques – problems. In: HALLIDAY, Michael; WEBSTER, Jonathan (Org.). *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum, 2009. p. 59-86.
- KOCH, Ingedore. *Argumentação e linguagem*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 240 p.
- LANGACKER, Ronald. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008. 573 p.
- LEMKE, J. *Textual politics: Discourse and Social Dynamics*. London: Taylor & Francis, 2005.
- LEMMENS, Maarten. Lexical perspectives on transitivity and ergativity: causative constructions in English. Amsterdam: John Benjamins, 1998.
- LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves; VENTURA, Carolina Siqueira Muniz. A transitividade em Português. *Direct Papers* 55, 2008. Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers55.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2014.
- MARTIN, James; WHITE, Peter. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.
- MATTHIESSEN, C. Systemic Functional Linguistics as applicable linguistics: social accountability and functional approaches. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 28, n. esp., p. 435-471, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502012000300002>>. Acesso em: 9 out. 2014.
- MAZZARELLA, Diana. “Optimal relevance” as a pragmatic criterion: the role of epistemic vigilance. *UCL Working Papers in Linguistics*, London, v. 25, p. 20-45, 2013.
- NININ, Maria Otília Guimarães; BARBARA, Leila. Engajamento na perspectiva linguística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, v. 52, n. 1, p. 127-146, jan./jul. 2013.
- OAKLEY, Todd; COULSON, Seana. Connecting the dots: Mental Spaces and metaphoric language in discourse. In: OAKLEY, Todd; HOUGAARD, Anders (Org.) *Mental Spaces in Discourse and Interaction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 27-50.
- OAKLEY, Todd; HOUGAARD, Anders. (Org.) *Mental Spaces in Discourse and Interaction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.
- O'DONNELL, Michael. The UAM CorpusTool: Software for corpus annotation and exploration. In: BRETONES CALLEJAS, Carmen M. et al. (Org.) *Applied Linguistics Now: Understanding Language and Mind / La Lingüística Aplicada Hoy: Comprendiendo el Lenguaje y la Mente*. Almería: Universidad de Almería, 2008. p. 1433-1447.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SILVA, Wagner Rodrigues; ESPINDOLA, Elaine. Afinal, o que é gênero textual na Linguística Sistêmico-Funcional? *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 34, p. 259-307, jan./jun. 2013.
- SPERBER, Dan; CLÉMENT, Fabrice; HEINTZ, Christophe; MASCARO, Olivier; MERCIER, Hugo; ORIGGI, Gloria; WILSON, Deirdre. Epistemic Vigilance. *Mind & Language*, v. 25, n. 4, p. 359-393, set. 2010.
- TALMY, Leonard. *Towards a Cognitive Semantics*, v. 1. Cambridge: MIT Press, 2000.

TAVERNIERS, Miriam. The syntax–semantics interface in systemic functional grammar: Halliday’s interpretation of the Hjelmslevian model of stratification. *Journal of Pragmatics*, n. 43, p. 1100-1126, 2011.

_____. Subjecthood and the notion of instantiation. *Language Sciences*, n. 27, p. 651-678, 2005.

THIBAUT, Paul. *Brain, mind and the signifying body: an ecosocial semiotic theory*. London/ New York: Continuum, 2004.

VAN DIJK, Teun. *Ideología y discurso: una introducción multidisciplinaria*. Barcelona: Ariel, 2003.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004. 196 p.